

NOTA EDITORIAL

Como já acontecera no número precedente, este número 11.1 da revista *Metamorfozes* abre-se para resgatar os trabalhos apresentados nas sessões plenárias do II Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena. Se não havia sido esta a sua vocação inicial o fato de podermos contar – desde 2010 – com dois números anuais permitiu que encontrássemos o modo de inscrever também ali o memorial dos eventos do nosso centro de estudos.

Ora, em 2010 comemoraram-se os cem anos da República Portuguesa. Mas a história dessa festa, no que ela teve de fisionomia literária, começara já a ser pensada um ano antes quando, a convite da CNCCR – Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República –, através da Prof.^a Helena Buescu, delegada maior dos eventos ligados às humanidades, fui levada a coorganizar um congresso de literatura que deveria acontecer, numa primeira etapa, em Lisboa, no mês de maio de 2010, e em seguida no Brasil, em fins de setembro do mesmo ano, começando no Rio de Janeiro, na UFRJ-Universidade Federal e terminando em Brasília, exatamente a 5 de outubro. Essa parceria rendeu frutos concretos que levaram a Portugal, como convidados, cerca de vinte professores e pesquisadores brasileiros, que se reuniram a outros tantos professores e pesquisadores portugueses para debaterem o tema da Literatura Portuguesa como modo de «construção do passado e do futuro».

A vertente brasileira, a que chamamos *A República das Letras e a República nas Letras*, contou com a presença de cinco convidados portugueses – professores, ensaístas e/ou poetas e ficcionistas, e de cerca de trinta professores brasileiros que se reuniram na Faculdade de Letras da UFRJ, graças ao apoio da própria universidade, do Instituto Camões e das agências de fomento brasileiras – FAPERJ, CAPES, CNPq –, que investiram concretamente na realização do evento.

Este número 11.1 da revista *Metamorfozes* – que recupera as mesas plenárias desse encontro da República Portuguesa no Brasil – abre-se com três depoimentos de afeto. Reunidos em torno de um pensamento comum, definido pelo título – JOSÉ SARAMAGO ENTRE NÓS – queríamos todos prestar-lhe uma homenagem. Não uma homenagem póstuma ou um memorial, mas qualquer coisa que inscrevesse a nossa certeza de que teríamos sempre, em nossa companhia, aquele «visionário da tangibilidade», como o chamou Helder Macedo; aquele amigo, «o maior ficcionista do Portugal de hoje», evocado por Cleonice Berardinelli, cuja

partida ela confessa ter chorado, sem a companhia dos pinheiros e das fragas que compuseram o cenário do adeus de Miguel Torga a Fernando Pessoa; aquele enfim «cidadão do mundo», num mundo carente de utopias, cuja voz nunca abdicou da crença no coração dos homens, como o lembrei eu mesma, depois de evocar a série de personagens fortes que ele criou. O que poderia parecer inserido *a posteriori* – afinal a sua morte datava de um 18 de junho tão próximo – inscrevia-se como ponto de partida para as reflexões sobre a *coisa pública*, que naquele momento nos dispúnhamos a tratar em literatura.

Seguiram-se, assim, os debates sobre «Utopias Republicanas», «A poesia e a República em Portugal», «A República portuguesa em África», «A narrativa pós-25 de Abril» – de Eça, Machado, Junqueiro e Teixeira-Gomes, passamos por Fiama, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena e Fernando Pessoa, incluindo aí os alicerces de Orpheu; para em seguida repensar o diálogo passado e presente da República com a África – Luandino e Pepetela, João Paulo Borges Coelho e Mia Couto, mas também Helder Macedo e suas partes de África; até outros nomes da narrativa portuguesa dos últimos 40 anos, como os de Saramago, Lobo Antunes, Mário Cláudio, Agustina Bessa-Luís, Olga Gonçalves, Daniel de Sá e Lídia Jorge.

Foi esse o nosso modo de comemorar no Brasil a República Portuguesa. Afinal, num tempo – que é o nosso – em que os novos paradigmas parecem frágeis e constantemente postos à prova, quer pela crise monetarista quer pela ausência, mais ou menos evidente, de novas vertentes utópicas, queremos crer que celebrar a República é, antes de tudo, revisitar criticamente o seu processo.

Teresa Cerdeira